

ESTADO DE SÃO PAULO

Segundo turno é melhor

Nos últimos 10 dias a tucanada mudou a plumagem, para pior. Até a primeira metade do mês, ainda sob a tensão típica das campanhas, o negócio era vencer. Vencida, a parada já está. Fernando Henrique Cardoso será o próximo presidente da República, muito provavelmente já na noite de segunda-feira. A mudança das plumas tucanas, contudo, sugere uma terrível suspeita: seria melhor que houvesse segundo turno.

O motivo está no próprio canto tucano. Essas aves belas e limpas, passaram a defender uma reforma constitucional drástica, rápida e amparada num plebiscito que lhe dê legitimidade. Verdadeira enormidade.

O programa do senador Fernando Henrique Cardoso tem 300 páginas. Fala da conveniência da reforma constitucional, mas sem estridência, sobretudo sem açodamento.

Refere-se à necessidade das mudanças, mas sugere que elas serão negociadas com a paciência que faz parte do fardo presidencial, não com o bumbo do salvacionismo. O próprio candidato, por temperamento e mesmo pelo que diz, não quer organizar rolos compressores. Apesar disso, quer — e diz que quer — mudanças no sistema de tributos, das relações trabalhistas e da seguridade social. Tudo coisa muito lógica, mas como se sabe, Asmodeu esconde-se nos detalhes. Detalhes, ele não dá. Não se pode dizer que esteja vendendo gato por lebre, mas lebre por chinchila, talvez.

A tucanada de nova plumagem quer o máximo de mudanças no mínimo de tempo. Pessoas honestas, não querem desembarcar do Boeing da vitória eleitoral com a muamba que satanizou a seleção de futebol. Têm razão, visto que sem ter defendido uma reforma relâmpago da ordem social e tributária da Carta, Fernando Henrique Cardoso ficaria numa posição mofina querendo recriar o mundo a partir de terça-feira. Ficaria também numa posição torta, querendo reformá-lo por mandato de um Congresso agonizante que passaria à nova Legislatura poderes para fazer uma revisão desdenhada. Tudo isso e mais a possibilidade de o Supremo Tribunal Federal informar que a manobra não tem amparo constitucional.

Nessa curva da vida aparece a

idéia do plebiscito. Eleito, Fernando Henrique vai ao povo, apresenta as vigas-mestras de sua nova Carta e pede que ele as aprove. Muito bem, mas será que o senador pode explicar o que é que ele andou fazendo todos os dias na televisão nos últimos meses? Se tem de fato essa proposta, por que não a fez? Ora, dirá um marqueteiro, porque o povo não sabe o que significa a expressão "reforma tributária". E, se não sabe na eleição, saberá no plebiscito?

Há ainda um ingrediente catastrófico. O senador Cardoso vence, assume, propõe a reforma, vai ao povo e, plaft: perde. Como fica o País? (Quem acha que governo não perde plebiscito pode telefonar para o general Pinochet, defenestrado porque acreditou nessa idéia. Podem também ligar para os economistas uruguaios, calados há um

mês por um referendo).

A pronta vitória do senador Cardoso teria a vantagem de encurtar a campanha, reduzir o tempo que separa Cid (*Jornal Nacional*)

Moreira de Cláudia

(*Pátria Minha*) Abreu. Diminuiria também o sofrimento do PT e de seu candidato. Essas vantagens, que há duas semanas pareciam convenientes, derretem-se quando se vê a ponta da faca da tucanada com a lâmina voltada para os aposentados e o lado cego para os banqueiros. O segundo turno passa a soar útil. Útil para que o professor Cardoso explique melhor suas reformas. Útil sobretudo para que se defina direito qual o grau de identidade entre o candidato e seus constitucionalistas de calculadora.

Usando-se os 42 dias que separam o primeiro do segundo turno para esclarecer essa enorme dúvida, o senador Cardoso só teria a ganhar. Colocaria a marmita na mesa e mostraria o que ela tem dentro. Ganhando, não precisaria de plebiscito. Provável que se ele mostrar a marmita toda, não estará fazendo campanha, mas enforcando-se nos cabos dos computadores de seus economistas. Nesse caso, o eleitor não precisará desautorizar um presidente eleito há pouco, negando-lhe os poderes que pediu no plebiscito. Encurtará o caminho. Mandará Fernando Henrique para casa, Lula para o Planalto e rezará seis Ave Marias.

**Se os tucanos
querem
plebiscito,
é melhor
que haja
segundo turno**